

Vida e Morte da Democracia

John Keane

A longa narrativa de John Keane (n. 1949) começa, como seria de esperar, com a experiência grega de «democracia de assembleia», ainda que considere terem existido exemplos de cidades-Estados mais bem conseguidos do que o ateniense e anote uma Pré-História do sistema que recua até às cidades da Mesopotâmia. De maneira



surpreendente, acaba por considerar que essa antiga tradição não foi inteiramente apagada devido a determinadas características comunitaristas desenvolvidas no território do islão. Fala depois da «democracia

representativa», que detecta em experiências tão diversas e temporalmente distantes como a das Cortes reunidas na Espanha do século XII, a praticada durante séculos pela antiga nobreza polaca, a dos constitucionalistas da América do Norte ou levada à prática por um certo populismo sul-americano. Na terceira parte da obra aborda detalhadamente uma «democracia monitorial», desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial, que envolve um conjunto de instituições escrutinadoras, grupos de pressão, movimentos representativos e organismos de controlo. Um longo trajecto descrito em quase mil páginas de informação completíssima e exposta de forma entusiástica, mostrando que a democracia é um arquipélago bastante mais extenso, multifacetado e inconstante do que por vezes se considera. [Tradução de Nuno Castello-Branco Bastos. Edições 70, 968 págs.]